

Jaspers, Karl (1985): *Iniciação Filosófica*, 7.^a ed. em língua portuguesa, Guimarães Editores L.^a.

Nietzsche, F. *A Gaia Ciência*, Guimarães & C^a Editores.

Teixeira de Pascoais, *Regresso ao Paraíso*, Canto XX.

Weischedel, W. (1999): *A Escada dos fundos da Filosofia*, (trad. de Edson D. Gil) Ed. Angra – Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, S. Paulo.

Angústia, culpa e pecado

A angústia humana é um conceito básico da psicologia do profundo que não mereceu ainda atenção de muitos sectores, como a escola, o serviço de saúde, a reflexão sobre os mecanismos de exclusão ou de integração dos indivíduos nas sociedades. Muito menos encontrou abrigo e atenção dentro da teologia e nomeadamente na teologia moral, se exceptuarmos o ponto de vista clássico de S. Kierkegaard, o trabalho meritório mas minado pela polémica do E. Drewermann dos anos setenta e oitenta, e alguma reflexão autónoma e menos empírica de H. Urs von Balthasar. Queremos aqui pensar brevemente este assunto, partindo da tese de que a teologia tem virtualidades de diálogo inexploradas com a psicologia para se aproximar, de forma terapêutica, da realidade da angústia humana.

1. Aproximação ao tema da “angústia”

Segundo E. Drewermann, a psicanálise descobre a angústia no fundo de todos os males da psique humana ¹. A partir de uma observação empírica, verifica diversos tipos de “perda do objecto”, perda em que consiste a angústia, com as suas formas interiorizadas de “angústia de pulsão” e “angústia de Super-ego”. O “eu” é perseguido pela angústia em todas as fases da vida, mas seria na infância que mais facilmente se reúnem condições que levam à vulnerabilidade à angústia.

A psicanálise tende a ver a origem da angústia exclusivamente em factores externos. Mas não é difícil de verificar, desde um ponto de vista humanista, a existência de factores endógenos, decorrentes da própria

¹ Cf. E. DREWERMANN, *Psicanalisi e teologia morale*, Brescia ³1996, 88.

condição consciente e livre do homem. De forma que a angústia, dizemos sob caução, faz parte “essencial” da condição humana. Desde já dizemos que “essencial” não quer dizer “necessária”, num sentido determinístico. Quer dizer que é um facto que se verifica em todos os seres humanos. Se o “aperto do espírito”, segundo a significação etimológica da angústia, tem remotos antecedentes no animal acossado pelos seus predadores, é o homem que mais do que nenhum outro vivente reconhece os perigos e ameaças, de certo modo inevitáveis, à sua existência, entre os quais, a pobreza, a solidão, a insegurança, a injustiça, a dor, a doença, a fome e, no fim, o mais inevitável de todos, a morte.

Perante a evidência destes factores, a filosofia fala da contingência do existir do ser humano, da sua não-necessidade, da sua eventual superfluidade e do seu estar a mais. Enquanto ser livre, e perante esta experiência, o homem encontra na possibilidade da falta de sentido da sua vida uma nova forma de angústia e um novo aprofundamento da angústia. Mais do que a certeza de dever morrer, inquieta-o a possibilidade de falhar o sentido da existência. Essa possibilidade da queda no nada, acompanhada de um fracasso da vida, é uma das origens mais incisivas da angústia humana.

De que modo funciona a angústia do ser humano? A expansão normal da angústia, vê-la-emos seguidamente. O que acontece normalmente é uma expansão patológica da angústia. São os psicanalistas que observam como o aguilhão da angústia leva o ser humano a tornar-se rígido, ou, melhor, a tentar bastar-se rigidamente a si mesmo, camuflando a dependência, a relatividade, ou seja, a necessidade da comunicação com os seus semelhantes. Leva-o mesmo a tentar ser o fundamento absoluto e último da sua existência². Numa palavra, dizemos já de forma teológica, leva o ser humano a recusar a finitude ou a encontrar formas de substituição em ordem a camuflar ou remover essa questão fundamental da existência humana.

De onde deriva esta angústia humana, em último termo? Que estratégias põe em movimento o ser humano para solucionar a questão da angústia?

2. A narrativa do pecado e a angústia

A última observação dá-nos ideia de como a teologia tem necessariamente de ter a ver com esta realidade da angústia humana. Se é perita em humanidade, como pode não se interessar pela situação de extrema indigência, de ante-câmara da morte e de infelicidade que a angústia é?

² Cf. *Ibid.*, 58.

É justo dizê-lo, desde já: a teologia e a psicologia do profundo têm vivido de costas voltadas e até em conflito aberto. Mas esse estado de coisas não pode ser definitivo. A teologia tem muito que aprender com os resultados da psicologia do profundo e a inversa é também verdadeira.

Existe um dado que pode fazer de mediação entre teologia e inconsciente: o relato javístico do pecado humano das origens.

Segundo E. Drewermann, o relato de Gn 3 e a correspondente doutrina do pecado original podem ser lidas como um diagnóstico da angústia do homem na lonjura culpada ou descuidada de Deus³. Num e noutro caso, está implícita uma afirmação de que o homem não pode ser “humano” e moralmente bom enquanto e porque se encontra longe de Deus e separado de Deus. Mais concretamente, o que o texto e o dogma pressupõem é que o seres humanos são “enfermos” sem a vizinhança de Deus. Sabemos que esta tese é polémica e que tem de ser desenvolvida com extremo sentido de delicadeza. De contrário, podemos cair no erro naturalista de considerar a religião e nomeadamente a religião cristã como um dado natural da existência humana e retirar-lhe o carácter gratuito e positivo que é uma regra do seu acontecimento. Por tudo isto é que, entre muitas outras razões, tanto o texto javístico não teve fortuna na tradição de Israel como o dogma do pecado original encontra grande resistência entre os intérpretes racionalistas modernos.

É grande a discussão em volta destas afirmações que, em último caso, correspondem a uma interpretação optimista ou pessimista do cristianismo. Porém, olhando o cristianismo como uma religião da redenção, não podemos deixar de dizer que encerram uma grande sabedoria. O mais importante é adentrar-se no significado para a antropologia encerrado no relato javista e no dogma do pecado original. Por muito tempo, o texto foi lido como uma hipótese histórica que levanta inúmeros problemas e perguntas absurdas. Diante da impossibilidade de as resolver, foi desprezado como um modo de manter nos seres humanos uma culpabilidade neurótica e assim melhor os dominar. Com isto tudo, perdeu-se quase por completo o sentido importantíssimo do texto. Esse sentido pode ser apreendido se fizermos do texto uma descrição e um diagnóstico existencial do homem na lonjura (culpada e também naturalmente trágica) de Deus e uma tomada de consciência da importância da fé na libertação dos seres humanos em relação à sua angústia de viver.

³ Cf. *Ibid.*, 82 s.

O texto de Gn 3, 1-7 dá-nos vários esclarecimentos, quando interrogado do ponto de vista psicanalítico. Perseguido pela angústia, representada pela astúcia da serpente, a mulher muda de ponto de vista sobre Deus, o qual passa de origem da vida a fonte de uma angústia moral, enquanto aquele que levanta a mão e a espada para expulsar o homem do paraíso. Todo o meio ambiente, destinado a proteger o homem, se torna um peso insuportável. Doravante, o homem somente tem o motivo do medo para ser moralmente bom. Possuído pela angústia, o homem procura desesperadamente ser como Deus e colocar-se a si mesmo no centro do jardim. Querendo estar da parte de Deus, resta-lhe em comum com a divindade “o conhecimento do bem e do mal”, ou seja, o sentido dramático de que, quando está do lado de Deus, todas as coisas são boas e, quando isso não acontece, tudo se torna para ele uma maldição. Era esse conhecimento que Deus lhe queria poupar. O último sentido do relato seria, segundo esta leitura psicanalítica de E. Drewermann, que o homem tem é um medo terrível de perder Deus, medo que o faz empenhar toda a sua vontade em se colocar a si mesmo como substituto de Deus.

3. A teologia do pecado das origens e a questão da angústia

Podemos apenas aflorar este assunto enunciando, com E. Drewermann a seguinte proposição. “O significado decisivo da chamada ‘doutrina do pecado original’ está, portanto, claramente no facto de ensinar a compreender o homem, utilizando os conhecimentos psicanalíticos, como um ser que está condenado a adoecer por causa da angústia da sua consciência, no caso de não aprender a superar tal angústia, que o caracteriza essencialmente, através do acto confiança (de fé). Se, segundo a concepção de uma teoria puramente exterior da angústia, quiséssemos preservar o homem de sofrer de angústia, deveríamos, no fundo, privá-lo da coisa mais preciosa que ele possui: da sua consciência e da sua liberdade. Um homem sem angústia já não seria um homem. Quanto a este ponto, a psicanálise, por sua vez, tem urgente necessidade dos conhecimentos da teologia”⁴.

⁴ *Ibid.*, 89.

Conclusão

Pode a teologia dialogar com a psicanálise sobre a questão da angústia? Cremos que sim. Foi o que procurámos mostrar. Se foi e é verdade que interpretações da religião nada mais fizeram que extremar a angústia do homem e incutir medo com finalidades ideológicas, é também verdade que o anúncio gracioso de Deus pode ser a chave para desatar o nó de angústia identificável no espírito humano. Este foi o anúncio de Deus a que Jesus de Nazaré nos iniciou. Ele é a infinita compaixão de Deus com o homem angustiado pela camisa de varas que a instituição prepotente lhe coloca sobre os ombros, é a mão terapêutica colocada sobre o ser humano dobrado ao peso da dor do corpo ou do espírito, é a palavra que desata a alma condenada pelas leis de uma moral que apenas serve para multiplicar os pecados. Assim, a fé e a teologia soubessem levar por diante o programa de Jesus, que é, sem dúvida, um programa terapêutico da angústia. Sem paternalismo.

JORGE CUNHA